

“SÓ QUEM TEM CORPO ABERTO CONSEGUE OUVIR TRAVESTI”: *PERFORMANCE* E ORALITURA NA POESIA FALADA DE BIXARTE

Anderson Pinto Soares¹

Karina Lima Sales²

Resumo: Pessoas trans e travestis estão a cada dia adentrando nos espaços artísticos que um dia lhes foram refutados. As artes produzidas por estes corpos estão, desta forma, sendo valorizadas, ao passo que pessoas trans e travestis vêm ganhando visibilidade. Pensando nisso, o presente trabalho procura estabelecer um estudo de corpos trans no mundo artístico do *poetry slam*, tendo como principal investigação a multiartista Bianca Manicongo, mais conhecida como Bixarte. A pesquisa se pautará em três *performances* realizadas no *Slam Cúir FLUP RJ*, ocorrido de forma virtual em 2020. Para isso, será feita uma revisão bibliográfica a respeito do *poetry slam* em Roberta Estrela D’Alva (2019) e utilizaremos como aporte teórico-metodológico os estudos de Paul Zumthor (2010) que aborda a *performance*, e a oralitura em Leda Maria Martins (2003). O *slam* é atravessado por uma estética na qual são expressas a identidade e a resistência. Assim, será observada, nos textos que constituem essas *performances*, tanto a oralitura quanto a potência das mensagens de corpos que falam. Dessa forma, o trabalho procura evidenciar a visibilidade das artes desses corpos trans, trazendo as batalhas de *slam* que estão inseridas numa visão da contemporaneidade através da *performance* da oralitura.

Palavras-chave: Bixarte; *Poetry Slam*; *Performance*; Oralitura; Travestis.

Introdução

“O Meu Corpo não Fica Parado / Minha Voz Não Vai Mais Se Conter /
Que Viva A Era Do Traviarcado / As Travas Tenebrosas Vão Pegar Você”³

Trabalhos artísticos produzidos por corpos trans e travestis servem como uma arma poderosa de expressão e resistência, constituindo o Traviarcado, movimento que

1 Mestrando em Estudos Literários do Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado da Bahia – UNEB CAMPUS X, bolsista CAPES. E-mail: andersonpinto-soares05@gmail.com.

2 Doutora em Letras: Estudos Literários (UFMG); Professora Assistente na Universidade do Estado da Bahia, UNEB / CAMPUS X; pesquisadora do GEICEL – Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens (UNEB / CAMPUS X), na linha de pesquisa Literatura: Crítica, Memória, Culturas e Sociedade. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da UNEB. E-mail: ksales@uneb.br.

3 Trecho do poema 3 de Bixarte, intitulado de “Eu prometi não falar de ódio”. Disponível em: <https://youtu.be/gijjhBEe5DU?si=PB8JiZFcHJPNJV3r>.

traz a inclusão e novas possibilidades de trans e travestis se expressarem artisticamente, ao mesmo tempo em que usam seus corpos para lutar por direitos. O termo Traviarcado, criado pela transpóloga⁴, atriz, dramaturga e escritora Renata Carvalho, passou a reverberar nos últimos anos dentro do movimento trans brasileiro como uma forma de construir novas possibilidades de futuros e reverenciar as lutas de trans e travestis do passado que tornaram possível a conquista de direitos no presente. Renata Carvalho, em uma entrevista para Rodrigo Fonseca do *Correio da Manhã* (2023), sobre o seu “Manifesto Antropofágico”, diz:

Traviarcado é o que vem depois do patriarcado. Traviarcado: onde todes os corpos são acolhidos e humanos. Traviarcado também é reverenciar o passado - nossa transcestralidade - nossa história e memória. O espetáculo narra essa historicidade de transcestralidade. Traviarcado é o poder coletivo, é o entendimento de que, sem luta, nada muda, e de que todes nós juntos somos muito mais fortes (Carvalho, 2023, n.p.).

Para Emerson Silva Meneses (2024, p. 23), o movimento Traviarcado “[...] se caracteriza pela reivindicação de poder e de direitos, pela contestação da cis-normatividade, por um maior protagonismo no debate público e uma presença ativa na luta política”. Portanto, enquanto corpos trans e travestis produzem arte estão ao mesmo tempo sendo ativistas. Esta forma de produção artística é chamada de artivismo, que consiste em, como Paulo Raposo pontua:

[...] um neologismo conceptual ainda de instável consensualidade quer no campo das ciências sociais, quer no campo das artes. Apela a ligações, tão clássicas como prolixas e polémicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas, como as que André de Castro tem vindo a prosseguir. A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística (2015, p. 5).

Dessa maneira, corpos trans e travestis não ficam parados, tampouco suas vozes se calam. A era do traviarcado está cada vez mais ganhando potência, como coloca Bixarte neste trecho de um de seus poemas que escolhemos como título

4 Ao se definir como transpóloga, Renata Carvalho une as palavras “transgeneridade” a “antropóloga”, considerando ainda, no sentido do vocábulo, termos como transfake (usado mundialmente para designar pessoas cisgêneras que interpretam pessoas trans em seriados, filmes e peças), transcestralidade e tavestecca (nome pelo qual Renata chama a própria biblioteca). A criação do neologismo se insere em uma prática comum a pessoas trans advindas da necessidade de (re)nomearem certas coisas, trapaceando a essência fascista da língua, encontrando novas formas de dizer o que foi privado de ser dito. Essa necessidade desponta em um país como o Brasil, cujas estruturas são, além de machistas e racistas, transfóbicas e cissexistas (violência que considera a junção da cisgeneridade como norma com o sexismo).

da introdução: “O meu corpo não fica parado, minha voz não vai mais se conter. Que viva a era do traviar, as travas tenebrosas vão pegar você”.⁵ Desde muito tempo, corpos dissidentes procuraram espaços no meio artístico, o que era negado principalmente a pessoas trans e travestis. O trabalho então busca refletir sobre a luta pela visibilidade desses corpos no mundo artístico, destacando alguns artistas trans e suas obras, tendo um olhar para todos os campos das artes⁶: literatura, teatro, televisão, música e principalmente o *Poetry Slam*.

Numa historiografia de autoria trans na literatura, temos, segundo Amara Moira, como primeira escritora, Ruddy Pinho, que na década de 1980 publicou quatro livros: *Eu, Ruddy* (1980); *O sabor do cio* (1981); *Quando eu passo batom me embriago* (1983); *Certos movimentos de um coração* (1980). E na década de 1990 continuou publicando livros como: *Liberdade ainda que profana* (1998); *In...Confidência Mineiras e Outras Histórias* (1999) e ainda *Nem tão bela, nem tão louca* (2007).⁷

Depois de Ruddy, outros autores trans publicaram livros de vivências trans, como podemos citar: *A queda para o alto* (1982), de Anderson Herzer⁸; *Erro de pessoa: João ou Joana?* (1985), *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois* (2011) e *Velhice transviada: memórias e reflexões* (2019), de João W. Nery⁹; *Meu corpo, minha prisão: autobiografia de um transexual* (1985), de Loris Ádreon¹⁰; *Princesa* (1994), de Fernanda Farias de Albuquerque e Maurizio Jannelli¹¹; *Olhares de Claudia Wonder: crônicas e outras histórias* (2008), de Claudia Wonder; *Metanfetaedro* (2012), de Vic Vieira; *O sexo dos tubarões* (2017), de Naná DeLuca; *Vidas trans: a coragem de existir* (2017), de T. Brant, Amara Moira, João W. Nery e Márcia Rocha; *Contos transantropológicos* (2018), de Atena Beauvoir; *Segunda queda* (2018), de Ave Terrena Alves; *Transvivo* (2018), de Juca Xavier; *Alma grávida* (2020), de Nymeria Ronan; *O casulo de Dandara* (2021)¹², de Vitória Holanda;

5 Trecho do poema 3 de Bixarte, intitulado de “Eu prometi não falar de ódio”. Disponível em: <https://youtu.be/gijjhBEe5DU?si=PB8JiZfChJPNJV3r>

6 É importante destacar que elencamos aqui apenas alguns exemplos de personalidades artísticas trans, lembrando da vasta produção artística produzida até os dias atuais.

7 O livro *Eu Ruddy* foi publicado pela Editora Avenir, do Rio de Janeiro; *O sabor do cio* e *Quando passo batom me embriago* pela Editora Trote; *Certos movimentos de um coração* pela Editora Achiamé, editora anarquista do Rio de Janeiro; *Liberdade ainda que profana* e *In...Confidência Mineiras e Outras Histórias* foram publicados pela Editora Razão Cultural e *Nem tão bela, nem tão louca* pela Editora Niva Razão Cultural, também do Rio de Janeiro. Todas as editoras são independentes, o que também fortalece o projeto estético-político das publicações de artistas trans.

8 Anderson Herzer foi um escritor e poeta trans, ex-interno da Fundação Casa, na época chamada Fundação Estadual para o Bem-estar do Menor, FEBEM. Foi considerado por muito tempo o primeiro autor trans do Brasil.

9 Psicólogo, escritor e ativista brasileiro. Considerado o primeiro homem trans a fazer a cirurgia de redesignação no Brasil. Em seus livros, conta suas vivências como um homem trans.

10 Obra de cunho autobiográfico que vai contar a história de Loris em situação de cárcere na época da ditadura civil-militar.

11 A autobiografia de Fernanda Farias de Albuquerque foi escrita e editada junto com Maurizio Jannelli e narra sobre vivências travestis em Roma e no Brasil.

12 Vitória (mulher cis) narra a história e a tragédia da morte de Dandara dos Santos, sua amiga. Dandara é um forte nome quando se pensa em resistência trans, sendo a mesma símbolo de luta para trans e travestis do Brasil.

A construção de mim mesma: uma história de transição de gênero (2021), de Letícia Lanz; *Da lama ao caos* (2021), de Lama¹³; dentre outras.

Apesar de poucas, dentre as artistas trans que fazem sucesso no cenário musical destacam-se: Liniker¹⁴, Linn da Quebrada¹⁵, Pepita, Kim Petras, Jup do Bairro¹⁶, Majur¹⁷, Urias, Bixarte, dentre outras. Todas levantam a bandeira das cores branco, azul e rosa: a bandeira trans. E são conhecidas por, na maioria de suas músicas, apresentarem letras que relatam verdades sobre a vida de pessoas trans, o que causa atrito, quebrando tabus e desconstruindo estereótipos, além de levantar fortes críticas sociais.

Espaços importantes que pessoas trans e travestis estão ocupando são os palcos e as telas. No ano de 1977, a televisão brasileira apresentou pela primeira vez uma atriz travesti em novelas. Era Cláudia Celeste¹⁸, mas por conta do Regime Militar, que não permitia que travestis e transexuais aparecessem na TV, ela foi obrigada a abandonar as telas. Em 1988 ela volta novamente às telas, em *Olho por olho*, da extinta TV Manchete, na qual se tornou a primeira travesti a ter um papel fixo em uma novela. Entre outros nomes de artistas brasileiras que fazem sucesso nas telas de televisão e cinema temos: Maitê Schneider¹⁹, Maria Clara Spinelli²⁰, Glamour Garcia²¹, Renata Carvalho²², Tânia Granussi²³, Bianca Soares²⁴, Gabriela Medeiros, que recentemente interpretou Buba na nova versão de *Renascer*, da Rede Globo.

Em relação ao *Poetry Slam*, nele existe um grupo de poesia falada criado em 2018 o qual é composto por pessoas trans e não binárias, o *Slam Marginália*, dedicado à poesia falada de corpos travestis e trans, suas vivências e inquietações. Além deste, outros eventos ou movimentos de *Slam* também dão oportunidades para

13 Publicado pela Editora Triluna, no livro *Lama* busca apresentar um retrato do que é ser travesti, desde sua experiência.

14 Cantora, compositora, atriz e artista visual trans brasileira nascida em Araraquara-SP. Foi a primeira mulher trans a ganhar o Grammy Latino e a primeira mulher trans a ser considerada imortal pela Academia Brasileira de Cultura, ocupando a cadeira de número 51.

15 Nasceu em SP, é cantora, atriz, apresentadora e ativista social trans brasileira. Em suas músicas destaca aspectos da linguagem Pajubá, além de relatar as vivências de trans e travestis, bem como o preconceito, estigma, a transição etc.

16 Nascida e criada em Valo Velho-SP. É multiartista trans.

17 Cantora e compositora trans brasileira, nascida em Salvador-BA. Em suas músicas aborda questões de empoderamento.

18 Foi uma multiartista brasileira. Atriz, dançarina, transformista e cantora brasileira nascida no Rio de Janeiro. Foi convidada a participar da novela *Espelho Mágico*, que seria sua primeira participação em novelas, porém na época por se tratar de uma pessoa trans foi censurada e impedida de atuar.

19 Curitibana ativista. Maitê é formada em Letras e Teatro.

20 Atriz trans brasileira, nascida em Assis-SP. Atuou no teatro, em filmes e novelas sendo seus trabalhos mais conhecidos *Salve Jorge* (2013) e *A força do querer* (2017).

21 Nasceu em Marília-SP, atriz trans brasileira que ganhou o troféu de atriz revelação no Melhores do ano em 2019, pela rede globo com seu papel em *A dona do pedaço*, em que interpretava Britney, uma transexual.

22 Atriz, roteirista, dramaturga, diretora e ativista trans. É pesquisadora da representatividade trans no teatro.

23 É atriz, diretora, educadora e fundadora do coletivo *Há-Manas*.

24 Considerada a primeira mulher trans a participar de um reality show (*A casa dos famosos* – 2004 do SBT). Nascida em Curitiba, é multiartista.

estes corpos falarem, como por exemplo: *Slam da Guilhermina*, *Slam Resistência*, dentre outras batalhas de poesia falada espalhadas pelo Brasil.

Segundo Roberta Estrela D’Alva (2011), o *Slam* teria surgido em 1986, em Chicago, nos Estados Unidos. Tem como fundador Marc Smith, que procurou trazer para os bares os *shows* de leitura de poesia, para que atraíssem “aqueles que não se viam acolhidos pelo ambiente das leituras de poesia tradicionais” (Freitas, 2020, p. 2). No Brasil, o *Slam* foi idealizado por Roberta Estrela D’Alva em 2008, na cidade de São Paulo, por meio do ZAP – Zona Autônoma da Palavra. Segundo D’Alva:

O poetry slam é reconhecidamente um movimento social, cultural e artístico que tem sido utilizado como plataforma para criar espaços nos quais a manifestação da livre expressão poética, do livre pensamento e a coexistência em meio à diversidade são experienciados como práticas de cidadania. Desde 1986, ano de sua criação, converteram-se em ágoras onde questões da atualidade são debatidas, em um acontecimento/movimento com traços marcantes, não apenas artísticos, mas também políticos. A auspiciosa junção de política, arte, entretenimento e jogo, somada à sua vocação comunitária, fazem com que os slams sejam celebrados em comunidades no mundo todo, com realidades completamente distintas (2019, p. 270-271).

O *Slam*, então, funciona como uma forma de expressar a realidade das/dos artistas que se apresentam. Sua organização é envolvida por competições e batalhas em vias públicas como praças, escolas, ruas, dentre outras. E é dado um tempo máximo de três minutos para cada apresentação performática. As inscrições normalmente são feitas na hora e no local do evento e da mesma forma sucede a escolha dos jurados. O/a ganhador/a então seria o que mais pontos obtiver, segundo as notas de juradas/os, que avaliam cada poema apresentado com notas de 0 a 10. Para cada rodada de apresentação, o/a *Slammer* precisa recitar uma poesia, sendo no máximo três, dado que são realizadas três rodadas em cada competição.

Ainda de acordo com D’Alva (2019), à medida que os *Slams* surgem, eles vão se diferenciando de acordo com a necessidade dos determinados grupos ou movimentos. Se diferenciam, por exemplo, em regras, temáticas ou públicos-alvo como por exemplo: *Slam Corpo*, dedicado aos surdos e ouvintes; *Slam das Minas*, visado especialmente para mulheres cis e/ou trans; *Slam Nacional de duplas*; *Slam Racha Coração*, dedicado para poesias que falam de amor, *Slam Marginália*, voltado especialmente para pessoas trans e não-binárias, dentre outros.

O *Slam*, portanto, além de ser uma competição de poesia falada, é um espaço de acolhimento para as pessoas marginalizadas e invisibilizadas pela sociedade. É também uma forma de protestar direitos e fazer política. Uma dessas artistas que expressa sua vivência e traz em seus versos a resistência e críticas sociais e políticas é Bianca Manicongo, mais conhecida como Bixarte.

A artista utiliza o *Slam* como ferramenta de protesto. Bixarte é uma artista notável no cenário do *Slam* brasileiro e foi a grande vencedora da edição de dezembro

de 2021 do *Slam Resistência*, apresentando-se diretamente da Paraíba e trazendo a potência de sua poesia. Além disso, Bixarte é bicampeã do *Slam Estadual da Paraíba*, finalista do *Slam Brasil* e ganhadora da FLUP RJ. Ela também foi premiada no Festival Toroh como artista revelação e personalidade do ano, além de ter sido indicada ao prêmio SIM São Paulo em 2021.

Além de *slammer*, Bixarte também é cantora e atriz, uma multiartista Travesti. É natural de Taboão da Serra – SP e crescida na cidade de Santa Rita – PB. Bixarte possui quatro álbuns de carreira: *Revolução* (2019), *Faces* (2020), *Nova Era* (2021) e *Traviarcado* (2023), seu mais recente álbum. Bianca Manicongo é reconhecida por ser multiartista e começou seus trabalhos na infância e ficou bastante conhecida pelas batalhas de *rap* na Paraíba, por seus versos retratarem as condições que pessoas trans, travestis, pretas e pobres passam diante da sociedade, além de apresentar sua ancestralidade, seu cotidiano e suas dificuldades. Como atriz, participou da série *Cine Holliúdy* (2023) da Rede Globo, seu primeiro trabalho na teledramaturgia. Na terceira temporada da série interpretou “Perversa”, capanga de um governador. Atualmente, a artista participa da peça de teatro “Ao vivo (dentro da cabeça de alguém)” que está em cartaz até o dia 1º de dezembro de 2024, no SESI – SP²⁵.

Neste estudo, vamos focar nas apresentações de Bixarte no “Slam Cúir”, realizado pela FLUP RJ, em 2020, que ocorreu de forma *online*. E neles destacaremos a *performance* e a oralitura, o funcionamento da linguagem corporal, o impacto social e cultural que os textos trazem, bem como utilização do *Slam* para expressar identidades culturais e sociais, a resistência, a transcestralidade e a luta pela visibilidade de corpos trans e travestis nos espaços da poesia falada e em outros espaços da sociedade.

2 “Travas no mic sem hype mandando todo conhecimento nesse flow”²⁶: *slam cúir* e a participação de Bixarte

A FLUP – Feira Literária das Periferias, que é tradicionalmente responsável por reunir poetas, escritores e artistas num mesmo lugar, realizou no ano de 2020 a sua 9ª edição. Neste ano, em virtude da pandemia de COVID-19 o evento foi realizado através do Facebook e canal do YouTube. Participaram desta edição dezesseis competidores, sendo eles: Patrícia Meira, Luiza Loroza, Bicha Poética, Maya Dourado, Abigail Campos, Márcia Rufino, AurithaTabajara, Patrícia Naya, Léo, Andrezza, Ana Moura, Julian, Nega Preto, Níve, Bathália e Bixarte.

O *Slam Cúir* teve curadoria de Roberta Estrela D’Alva, foi apresentado por Dani Nega e Marcio Januário e o corpo de jurados foi formado por pessoas da comunidade

25 Informações disponíveis em: <https://www.sesisp.org.br/cultura/noticia/ao-vivo-dentro-da-cabeca-de-alguem>

26 Verso do poema 4 de Bixarte: “A coisa tá ficando preta”. Disponível em: https://youtu.be/yCJwMRQEKQc?si=ED7gNC7-1vIk8_8.

LGBTQIA+. Uma das grandes inovações desta edição foi que cada chave foi aberta com *performances* de artistas de outros países, dentre os quais podemos citar: Argentina, Colômbia, Chile e outros. A final e a semifinal foram exibidas no maior e mais antigo Festival de Palavras do Canadá, o *Toronto Internacional Festival of Authors* (TIFA). A *slammer* Bixarte, em suas apresentações, usou uma camisa preta escrita “Brasilidade” e o número “10”, além de tranças em seu cabelo. Sua arte é caracterizada por suas vivências e experiências, trazendo questões que envolvem gênero, raça e classe, colocando, então, questões da interseccionalidade.

Para Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), a Interseccionalidade “investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana” (Collins; Bilge, 2020, p. 16-17). A interseccionalidade é ferramenta analítica oriunda de uma práxis-crítica e, como tal, “considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (Collins; Bilge, 2020, p. 17). A Interseccionalidade, portanto, pode alinhar-se em diversos campos interdisciplinares, um deles, por exemplo, é o que se conhece como *interseccionalidade Queer*:

[...] a interseccionalidade funciona como ferramenta analítica para abordar a ênfase excessiva da teoria queer na branquitude, nas experiências da classe média e nas preocupações do Norte global, bem como em sua postura anti-identitária. Para especialistas queer e trans que se interessam pela categoria de cor, as identidades coletivas são não apenas politicamente estratégicas, como psicologicamente importantes para queers e trans de cor em uma sociedade com comunidades LGBTQ racistas (Collins; Bilge, 2021, p. 67).

Assim, é sob essa ferramenta analítica que se propõe ler a poesia de Bixarte. No “Slam Cúir”, Bixarte apresentou seis poemas: Poema 1 – “Eles estão nos matando”, Poema 2 – “Uns dizem que é ladainha”, Poema 3 – “Eu prometi não falar de ódio”, Poema 4 – “A coisa tá ficando preta”, Poema 5 – “Bixarte conta uma história” e Poema 6 – “Em cada esquina”. Todos eles são perpassados por uma mirada interseccional, criticando a cisheteronormatividade, bem como nos fazendo refletir sobre as hierarquias sociais existentes e os espaços ocupados não apenas por corpos *queer* ou trans, mas também por corpos negros, pretos e pobres (Collins; Bilge, 2020). Com isso, a poeta se tornou a grande campeã da competição. Analisaremos a seguir algumas dessas poesias faladas.

2.1 “Eu falo, afirmo e firmo: meu corpo não nasceu pra senzala”²⁷: ancestralidade, transcestralidade²⁸ e resistência

Um dos pontos marcantes da poesia falada de Bixarte é a resistência que surge a partir da sua ancestralidade e da transcestralidade. Esta última corresponde às pessoas trans e travestis cujas vivências foram marcadas por preconceitos, estigmas. Tais travestis no passado foram marginalizadas pela sociedade e/ou morreram por conta da transfobia. Portanto, as transcestrais seriam as que vieram antes e são vistas como resistentes ao binarismo e preconceitos de suas épocas (Meneses, 2024). Em alguns trechos de “Uns dizem que é ladainha”, temos referências a algumas transcestrais:

Preta, se ame
Não esqueça Dandara que tem dentro de você
Eu sou neta de Xica, sobrinha de Vera, filha de Dandara
Quem é que vai encarar?
Amiga de Marsha P Jackson, prima de Lacreia
Ei, eu duvido cês não vão conseguir me matar (Bixarte, 2020, n. p.).

As transcestrais, portanto, seriam as trans que vieram antes e que vivem em cada travesti e trans da atualidade, como destacam Barbosa, Farias, Gomes, Mendonça e Yu (2022): “Transcestrais porque permanecem presentes e em presença, nos atravecam²⁹ na quebra do tempo linear moderno e, desse modo, na erosão do mundo que ele sustenta”. Bixarte então tem como transcestrais: Dandara, que foi uma travesti espancada, torturada e morta em fevereiro de 2017, por apenas ser quem era; Vera Verão, travesti famosa e grande marco da história da televisão; Marsha P. Jackson, uma das responsáveis pela Revolta de Stonewall, ocorrida em Nova York em 1969; Lacreia, travesti que foi sucesso nos anos 2000 no *funk*, e Xica Manicongo, considerada a primeira travesti de que se tem história no Brasil segundo a *Notícia Preta* (2022). Cabe ressaltar também que o nome de Bixarte leva o sobrenome de sua transcestral “Manicongo”, uma homenagem e, da mesma forma, um símbolo de resistência, como também para que se possa perceber que existem outras, assim como Xica na contemporaneidade, que resistem e existem.

Além da transcestralidade, a ancestralidade também é algo que se faz perceptível no poema de Bixarte, como podemos observar:

Mas lembrei que pra pele preta só tem tempo pra sobreviver
Senzalas foram estupradas por brancos que são senhores
Aldeias catequizadas por padres colonizadores

27 Verso de uma poesia falada de Bixarte, intitulada de “Uns dizem que é ladainha”. Disponível em: <https://youtu.be/7b0LhtUrUvg?si=o5NXBYVW0pNLfOfu>

28 Segundo Meneses (2024, p. 12) “[...] são artistas que tiveram existências marcadas por estigmatização e violência e trajetórias profissionais intervaladas por prisões e/ou episódios de violência policial.” Para além de artistas, *transcestrais* também consiste em personalidades trans da história.

29 O termo “atravancam” joga com o sentido de “travecos que nos atravessam”.

Meu povo ainda sente dor
Meu povo ainda é preterido
Mas quando é pra ir pro tronco só preto é escolhido
Meu avô era escravo
Falo sem hipocrisia
Quanto mais ele apanhava muito menos ele obedecia
[...]
Lembro de Matamba liderando um exército de 40 mil soldados
Mas esse conto ninguém tem contado
É que Matamba, Xica Manicongo, Agatune, Ganga Zumba
São referências preta que a história não quer contar (Bixarte, 2020, n. p.).

No poema, Bixarte nos remete a seu passado ancestral, apresentando-nos seu avô, que era escravizado e que resistiu à escravização da época, Mas o poema traz um tom de denúncia que ultrapassa o âmbito de uma vivência individual e aponta para o registro das experiências coletivas de dororidade, conceito de Wilma Piedade (2017) que grita a violência impetrada às mulheres negras presente no verso “Senzalas foram estupradas por brancos que são senhores”. E essa violência às mulheres negras amplia-se, historicamente, para seus filhos: “Meu povo ainda sente dor / Meu povo ainda é preterido”. Essa ancestralidade pelo viés da coletividade também é citada através de personagens importantes para a história povo negro: “Lembro de Matamba liderando um exército de 40 mil soldados / Mas esse conto ninguém tem contado / É que Matamba, Xica Manicongo, Agatune, Ganga Zumba / São referências pretas que a história não quer contar”.

Matamba faz referência aos reinos de Ndongo e de Matamba, situados no século XVII na região atual de Angola e sua rainha Nzinga, também conhecida como Jinga ou Ginga, que governou os reinos por cerca de quarenta anos e liderou a guerra contra o avanço da colonização portuguesa em seus reinos. Xica Manicongo foi a primeira travesti não indígena do Brasil, trazida sequestrada da região do Congo, pertencente à categoria das quimbandas de seu povo, sua expressão de gênero era lida pelo colonizador como feminina. No Brasil, foi submetida à condição de escravizada em Salvador, Bahia, atuando como sapateira na Cidade Baixa e recusava-se a utilizar o nome masculino que lhe foi imposto, ao mesmo tempo em que seguia vestida em seus trajes femininos, tal qual em África, enfrentando a perseguição da sociedade e por anos a historiografia a leu como Francisco, silenciando seu direito à memória. Assim, Xica Manicongo representa a luta das travestis pelo direito à memória e reconhecimento. Agatune, ou Aqualtune, fez parte da história do Quilombo dos Palmares. Nascida no Reino do Congo, de linhagem real da Dinastia Nlanza, teria liderado uma parte dos guerreiros na Batalha de Mbwuila, resultando em sua escravização e sequestro para o Brasil. Mãe de Ganga Zumba, também escravizado e trazido para o Brasil e que se tornou o primeiro líder unificador do Quilombo dos Palmares. A história dessas personagens era silenciada por parte de uma sociedade que invisibiliza sujeitos e sujeitas como os / as acima referidas/os e só chegou até nós pela textualidade afro-brasileira e *performances* da oralidade, são memórias de um conhecimento, na acepção de Leda Maria Martins (2003, p. 80):

A textualidade afro-brasileira e as performances da oralidade nos oferecem um amplo feixe de possibilidades de percepção, caligrafando a história e a memória dos afrodescendentes. Essa memória do conhecimento grafa-se, também como aletria, nas pautas do papel e do corpo. Um saber que se borda pela fina lâmina da palavra ou no delicado gesto. Littera e litura. Gravuras da letra, do corpo e da voz.

Assim, os versos de Bixarte caligrafam a histórica textualidade afro-brasileira no corpo e na voz, reverberando resistência. É importante também salientar que a resistência além de vir da escrita-memória de conhecimento ancestral que registra trans e pretos da história é ressaltada através da instituição religiosa e da fé, como Bixarte nos mostra nesses versos:

Por isso meu axé é meu lugar de fala
Eu falo, afirmo e firmo meu corpo não nasceu pra senzala
O meu quilombo é moderno
Tô causando revolução mundial com a caneta e com o caderno
Meu ilê é o que me mantém de pé
É sério que vocês gostam de bater em travesti e colocar a culpa na fé?
(Bixarte, 2020, n. p.).

A poeta então reconhece que o ilê³⁰, sua casa, lhe mantém de pé e fortalece sua fé, seu axé é seu lugar de fala. A religião então aqui também funciona como representação da memória e daquilo que é ancestral, já que o candomblé trabalha com a ancestralidade e divindades ancestrais. Bixarte então utiliza nos seus versos, na sua voz e em seu corpo traços da resistência advinda da sua história e fé. Utiliza então “o corpo e a voz como portais de inscrição de saberes de vária ordem” (Martins, 2003, p. 66). O corpo em *performance* então para Leda Maria Martins seria um local de conhecimento, transmitido através de vários mecanismos que constituem esta *performance*. Martins ainda pontua que:

No circuito da tradição, que guarda a palavra ancestral, e no da transmissão, que a reatualiza e movimenta no presente, a palavra é sopro, hálito, dicção, acontecimento e *performance*, índice de sabedoria. Esse saber torna-se acontecimento não porque cristalizou nos arquivos da memória, mas principalmente, por ser reeditado na *performance* do cantor/narrador e na resposta coletiva (Martins, 1997, p. 146).

Portanto, temos a *performance*, constituída no corpo e na voz de Bixarte como uma transmissão de saberes ancestrais. Na medida em que utiliza de sua poesia falada para citar personalidades tanto transcestrais como ancestrais e ainda traços de sua religiosidade, ela reproduz significados, trazendo de volta todo o conhecimento que marca a construção de sua identidade travesti e preta.

30 No yorubá significa: casa de candomblé.

2.2 “Eles estão nos matando / Será que alguém vai me ouvir? / Primeiro levaram ela / Depois vão atrás de mim”³¹: preconceito, transfobia e racismo

É notória nas poesias faladas de Bixarte a denúncia de todo o preconceito vivido por ela e por corpos como o dela. Dentre os preconceitos citados em sua poesia, destaca-se a transfobia e o racismo, recorrentes do estereótipo que a sociedade tem a respeito desses corpos. Cabe aqui lembrar que o Brasil ainda ocupa o lugar de país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo. Segundo a ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2023), o Brasil está ocupando esse lugar há 15 anos consecutivos. São pessoas que fogem de um padrão de gênero estabelecido, aquilo tido como normal, mas que é regulado por um regime. Para Judith Butler, “o gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime, os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (Butler, 2002, p. 64). Então, a performatividade seriam as repetições das normas heteronormativas que fazem com que os sujeitos tidos como normais possuam ideais do masculino e feminino. E se no caso o contrário acontece, o sujeito que desafia essas normas é tido como insólito, o que pode agravar efeitos partindo da sociedade. Um desses efeitos, por exemplo, é a violência e a morte dessas pessoas consideradas “estranhas”. Discutindo a questão do corpo *queer*, Guacira Lopes Louro nos diz que:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado “e muito menos tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o que como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (Louro, 2004, p. 7-8).

Portanto, esses são os sujeitos que “assustam”, ao mesmo tempo em que fascinam, segundo a teórica. São corpos tidos como estranhos e deixados à margem da sociedade. Em um dos seus poemas, Bixarte traz alguns casos de transfobia:

Tua hashtag não contempla minha cintura quebrada
Luane: mais uma travesti que no Ceará foi morta a paulada
Cibelly: que por 4 boys foi espancada
E nesse momento todo mundo some
Xingaram pejorativamente de traveco
E mandavam Cibelly virar homem

Você não sabe o que é sair na rua com a incerteza de não voltar
Ser travesti é ter muita potência

31 Trecho da poesia falada de Bixarte intitulada de “Eles estão nos matando”. Sua primeira poesia da apresentação. Disponível em: https://youtu.be/KInLc9vFRpQ?si=FNDxtZAm_8qHVhhR.

Mas por causa de um sistema transfóbico
Não consegue demonstrar (Bixarte, 2020, n. p.).

Os versos do poema gritam a denúncia contra a violência sofrida não apenas por Luane e Cibelly, mas por tantas pessoas trans e travestis, dado que a violência contra elas é bastante recorrente. Muitas sofrem primeiro a rejeição da família, muitas são obrigadas a conviverem na rua e adentrarem a prostituição. Além disso, a sociedade marginaliza essas pessoas e as torna invisibilizadas. Outras instituições negam apoio para esses corpos, como podemos notar nesses versos, que sinalizam para o silenciamento da polícia, da igreja e da sociedade em geral:

Levantou a mão bateu
Um ferro logo puxou
Dois tiros foi disparado: pa pa
Mais uma trava que ele matou

A polícia inocenta
Quem arranca coração
Travesti não tá segura
Nem na igreja e nem no busão (Bixarte, 2020, n. p.).

E ainda nesses versos de outro poema, que apontam para a demonização de corpos trans desde o ambiente familiar e denunciam o ódio perpetrado contra trans e travestis, corpos que “maculam” o padrão de gênero de uma sociedade preconceituosa e violenta:

Eu sou demonizada na igreja
Expulsa da família
Se cês mata sete leão
Eu mato 8 e a porra da transfobia
Sociedade que não aguenta a diferença
Tem que bater, matar pra poder provar sua machulência
E pra essa raça eu já tô sem paciência
E acredite, não há ciência
Que consiga explicar
O ódio que eu sinto quando eu veja nas minhas você encostar (Bixarte, 2020, n. p.).

Além da violência e da exclusão por ser um corpo trans, Bixarte ainda se vê rodeada de racismo. Desde muito tempo, com a escravização até a atualidade, negros e pretos sofrem preconceito. O racismo ainda hoje é comum e Bixarte usa de suas poesias para reivindicar direitos e expor essa sociedade transfóbica e racista, usando a resistência como uma arma poderosa para o combate desses preconceitos. A artista traz então suas vivências no *Slam*, e afirma seu lugar ao mesmo tempo que produz significado através das *performances* para os outros corpos que se identificam com o dela. Segundo Paul Zumthor (2010), é “pelo corpo que somos tempo e lugar: a voz o proclama, emanação do nosso ser”. Ou seja, é através de seu corpo e de sua voz que Bianca Manicongo / Bixarte performa essas questões sociais.

Paul Zumthor afirma que a *performance* é instância de simbolização, de “integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica significada pela voz; de integração da multiplicidade das trocas semânticas na unicidade de uma presença” (2010, p. 166). Para o autor, a *performance* representa sempre uma ação dupla, de emissão-recepção, põe em presença atores “(emissor, receptor, único ou vários) e, em jogo, *meios* (voz, gesto, mediação)” (2010, p. 166). Dessa forma, Zumthor nos diz que há uma troca de sentidos e significados a partir da *performance*, do corpo e da voz, tanto da pessoa que está performando, quanto do que está recebendo essas informações.

Dessa forma, a performatividade em todos os poemas falados de Bixarte se faz de grande relevância também para análise. Percebemos gestos, como, por exemplo, o de referência à resistência, punhos erguidos e fechados. Além de outros gestos como o ato de negar, dedos que fazem referências a armas com tiros disparados, o ato de abaixar, dentre outros. São gestos que, segundo Zumthor (2010), fazem parte da *performance*, trazendo grandes significações para a apresentação. A partir de então, Bixarte ressignifica corpos trans e travestis por meio dos seus versos, trazendo então o traviarcado como uma forma de tomar os espaços um dia negados para estes corpos.

2.3 “Que viva todas as mulheres: pretas, gordas e trans / E vou logo te avisar, que por aqui não vai parar / A gente tá chegando com os dois pés na porta / Pra casa grande estourar”³²: a era do traviarcado e empoderamento trans

Corpos políticos adentrando nas diversas esferas da sociedade, uma delas a arte. Trans, de acordo com Toni Reis e Simón Casal (2021), é a “pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento” e Travesti é “uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente” e que “atualmente, adquiriu um teor político de ressignificação de termo historicamente tido como pejorativo”. O traviarcado então é o empoderamento destes corpos que um dia foram invisibilizados e que ainda hoje sofrem preconceitos e estigmas na sociedade:

Peço licença pra eu poder falar
Sou travesti vim interpretar
Nem adianta eu mandar me calar
Esse trono é meu e eu vim tomar (Bixarte, 2020, n. p.).

32 Verso da poesia falada de Bixarte: “Em cada esquina”. Disponível em: <https://youtu.be/ZkgvLKU-zg0?si=HoFg0J40yk74oIvH>.

Portanto, trans e travestis estão tomando os espaços negados há tempos pela sociedade através da resistência. Bixarte usa sua voz, seu corpo e suas poesias como *performance* para mostrar que o seu povo ainda vive enquanto resiste. E que o patriarcado e o sistema transfóbico, machista, misógino – “a casa grande” – um dia vai cair e corpos diversos ocuparão também os mais diversos lugares. Dessa forma, “a performance é, assim, portadora de um forte caráter político pela sua capacidade de criar formas de intervenção social e simbólica” (Pedron, 2013, p. 159).

A *performance* de Bixarte no *Slam* contribui para a representação de sua identidade e das outras pessoas que possam se sentir representadas de uma certa forma. Corpos trans e travestis então se tornam visibilizados nas artes e em outros campos sociais. O *Poetry Slam* é uma chave para essa luta de resistência contra essa opressão e preconceito. Por fim, podemos citar um dos versos com destaque no traviarcado:

Então é melhor tu se preparar
Que a caçada contra transfóbico acabou de começar
O meu corpo não fica parado
Minha voz não vai mais se conter
Que viva a era do Traviarcado as travas tenebrosas vão pegar você!
(Bixarte, 2020, n. p.).

Podemos perceber então, de acordo com o trecho, que pessoas trans e travestis, que sempre foram subalternizadas pela sociedade, hoje reivindicam direitos e procuram justiça através de seus corpos e suas artes. Assim:

A *performance* verbi-foco-corporal passa a ser um dos principais instrumentos de autorrepresentação usados para combater a opressão e os estigmas por quem foi desbravando o mundo em meio a um labirinto de preconceitos estruturais E aí, nesse complexo universo de disputas discursivas, que observamos também um levante feminino através da palavra poética (Costa; Pimentel; Souza, 2023, p. 9).

O *Slam*, portanto, é um mecanismo importante para que pessoas subalternizadas e deixadas na margem possam ter seus corpos (re)significados. Um movimento significativo também para abalar um meio político e artístico que invisibilizam e calam corpos trans, pretos e marginalizados. O traviarcado então, é um movimento importante para que corpos travestis possam fazer do campo artístico um espaço composto não apenas de pessoas cis, brancas e classe alta, mas também de pessoas trans, pretas, pobres, corpos em geral. Bixarte então, com seus versos e suas *performances* contribui fortemente para a visibilidade de pessoas trans e travestis, que lutam contra o preconceito e o estigma advindo da sociedade.

Considerações finais

*“A gente juntou nossa força e pôs aqui / mostrando que
nosso povo ensinou a resistir”³³*

Desde Xica Manicongo, a primeira travesti de que se tem história no Brasil, até Bianca Manicongo / Bixarte, trans e travestis sempre utilizaram a resistência como uma arma forte de combate contra preconceitos, estigmas e violências no Brasil. Ainda que o país continue no topo do *ranking* dos países que mais matam corpos trans e travestis, estas usam a arte para adentrar nos espaços e reivindicar direitos. Assim, foi possível identificar em Bixarte e na sua poesia falada a resistência a uma sociedade transfóbica, machista, racista e preconceituosa.

Dessa forma, a artista utiliza de sua voz e corpo, segundo postulados de Leda Maria Martins (2003), como “portal da sabedoria”, trazendo então no *Slam* o que Martins nos apresenta como oralitura, que seriam “esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo” (1997, p. 212). A poesia de Bixarte traz esses “palimpsestos performáticos”, eles estão grafados em sua voz e corpo e nesse texto foram apresentadas algumas representações simbólicas nas poesias faladas de Bixarte, que faz com que a artista tenha uma forte representatividade no *Slam*, além de fazer com que pessoas trans e travestis sejam ouvidas e percebidas.

Mas como bem pontua Bixarte, esses corpos sempre são alvos da sociedade e ainda cabe muita luta e resistência contra esse sistema que dizima pessoas trans e travestis. A *Slammer* nos apresenta versos que são constituídos por memórias advinda das lutas de corpos marginalizados, trazendo a transcestralidade, a ancestralidade, a resistência e o traviarcado como elementos marcantes de sua *performance*.

“SÓLO LOS DE CUERPO ABIERTO PUEDEN ESCUCHAR A UN TRAVESTI”: PERFORMANCE Y ORALITURA EN LA POESÍA HABLADA DE BIXARTE

Resumen: Las personas trans y travestis están ingresando cada día a espacios artísticos que alguna vez les fueron rechazados. De esta manera, las artes producidas por estos cuerpos están siendo valoradas, mientras que las personas trans y travestis ganan visibilidad. Teniendo esto en cuenta, este trabajo busca establecer un estudio de los cuerpos trans en el mundo artístico de la poesía slam, teniendo como investigación principal a la multiartista Bianca Manicongo, mejor conocida como Bixarte. La investigación se basará en tres performances realizadas en el Slam Cúir FLUP RJ, que tuvieron lugar de manera virtual en 2020. Para lograrlo, se realizará una revisión bibliográfica sobre el slam de poesía en Roberta Estrela D'Alva (2019) y se utilizó como aporte teórico-metodológico los estudios de Paul Zumthor (2010), que aborda la performance, y la oralitura en Leda Maria Martins (2003).

³³ Verso de um poema de Bixarte intitulado de “A coisa tá ficando preta, negro”. Disponível em: https://youtu.be/yCJwMRQEKQc?si=ED7gNC7-1viCk8_8

Slam está impregnado de una estética en la que se expresan identidad y resistencia. Así, en los textos que constituyen estas performances se observará tanto la oralidad como la potencia de los mensajes de los cuerpos que hablan. De esta manera, la obra busca resaltar la visibilización de las artes de estos cuerpos trans, acercando las batallas de Slam que se insertan en una visión de la contemporaneidad a través de la performance de la oralitura.

Palabras clave: Bixarte; Poetry Slam; Performance; Oralitura; Travestis.

Referências

BENEVIDES, Bruna G. *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023* ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA 2024.

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras*. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icària Editorial, 2002. p. 55 a 81.

CAZAL, Simón; REIS, Toni. *Manual de educação LGBTI+*. Curitiba, PR: IBDSEX, 2021.

COSTA, Mariana; PIMENTEL, Ary; SOUZA, Fabiana. *As Minas do Slam: nova cena da poesia falada no Brasil*. Rio de Janeiro: Ganesha Cartonera, Editora Periferias, 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

D'ALVA, Roberta Estrela. *SLAM: voz de levante*. São Paulo: Ed. Rebento, 2019.

Flup RJ. Slam Cúir | Bixarte “Uns dizem que é ladainha”. YouTube, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/7b0LhtUrUvg?si=2i5oUoLSyAdHa_D0>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Flup RJ. Slam Cúir | Bixarte “Eu prometi não falar de ódio”. YouTube, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/gijjhBEe5DU?si=PB8JiZFchJPNJV3r>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Flup RJ. Slam Cúir | Bixarte “Em cada esquina”. YouTube, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/ZkgvLkU-zg0?si=HoFg0J40yk74oIvH>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Flup RJ. Slam Cúir | Bixarte “A coisa tá ficando preta, nego”. YouTube, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/yCJwMRQEKQc?si=ED7gNC7-1viCk8_8>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Flup RJ. Slam Cúir | Bixarte “Eles estão nos matando”. YouTube, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/KInLc9vfrpQ?si=FNDxtZAm_8qHVhhR>. Acesso em: 10 abr. 2024.

FONSECA, Rodrigo. Traviarcado é onde os corpos são acolhidos. *Correio da manhã*. Rio de Janeiro, 14 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.correiodamanha.com.br/cultura/teatro/2023/04/53436-traviarcado-e-onde-os-corpos-sao-acolhidos.html>. Acesso em: 17 de jun. 2024

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. *Estud. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 59, e5915, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40185915>. Acesso em: 20 mai. de 2024.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. *Letras*, (26), 63–81, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MENESES, Emerson Silvestre. Transcestralidade, Travestilândia, Traviarcado: o palco e as dissidências de gênero no Brasil. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, e132188, 2024. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/presenca>. Acesso em: 29 maio 2024

MOIRA, Amara. Transgressão da primeira autora trans. *Suplemento Pernambuco*. Recife, 05 de fev. de 2018. Disponível em: <https://suplementopernambuco.com.br/artigos/2041-transgress%C3%B5es-da-primeira-autora-trans.html>.

PEDRON, Denise. Performance e escrita performática. *Cadernos de subjetividade*, p. 158-167, set. 2013.

Portal Geledés. FLUP 2020: Da periferia carioca para o mundo. *Portal Geledés*, 14 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/flup-2020-da-periferia-carioca-para-o-mundo/> Acesso em: 4 jun. 2024.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia [Online]*, Vol. 4, No 2 | 2015, posto online no dia 01 outubro 2015, consultado o 19 abril 2019. URL: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/909> ; DOI: 10.4000/cadernosaa.909. Acesso em: 29 maio 2024.

YU, W. et al. Nelas, através delas, em suas memórias: estigma, afeto e religiosidade em ativismos transcestrais no Brasil. *Líbero*, São Paulo, n. 51, p. 29-51, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1750>. Acesso em: 07 jun. 2024.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Xica Manicongo, primeira travesti do Brasil, pode dar nome a rua em SP.

In: *Notícia Preta*, 2022. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/xica-manicongo-primeira-travesti-do-brasil-pode-dar-nome-a-rua-em-sp/>. Acesso em: 29 ago. 2024.

Recebido em 30 de setembro de 2024

Aprovado em 28 de novembro de 2024